

Gênero e juventude ST. 1

Érica Isabel de Melo

Unicamp

Palavras-chave: feminismo, cultura juvenil, gênero

Riot Grrrl: feminismo na cultura juvenil punk

Investigar como um determinado feminismo tem se constituído no interior da cultura juvenil *punk*, o feminismo *Riot Grrrl*, partiu, num primeiro momento, de uma inquietação política: numa conjuntura em que se propaga o discurso de que “as mulheres conquistaram seu espaço” e de que o feminismo é algo ultrapassado, nos parece oportuno analisar de que forma essas jovens feministas têm se constituído, remodelando e apropriando o feminismo pautado nas experiências e visão de mundo da juventude. Quais são suas perspectivas? Quais os anseios dessa juventude feminista? Enfim, qual o significado de feminismo para essas jovens mulheres engajadas?

Da inquietação surgiu a motivação: embora haja consideráveis estudos antropológicos e sociológicos no Brasil sobre a cultura juvenil *punk*, não encontramos nenhum que trate especificamente as garotas *riot grrrls*. As mulheres, quando aparecem, são analisadas num capítulo à parte, como um “apêndice” do estudo – e do movimento *punk*.

Pretendemos aqui apresentar o feminismo *Riot Grrrl* e, concomitantemente, fazer um breve balanço das abordagens dadas aos estudos sobre juventude, mais especificamente os que tratam de culturas juvenis que envolvem estilos musicais. Este duplo movimento intenta elaborar uma crítica a tais pesquisas sob a perspectiva dos estudos de gênero, para assim construir uma abordagem sensível a essa perspectiva para que possamos melhor analisar o feminismo *Riot Grrrl*.

Feminismo *Riot Grrrl*

Não acredito que nas atuais bandas *hard-core* do subúrbio haja lugar para uma mina. O *hard-core* é o extremo do *punk*, exige uma estrondosa violência para sua realização. Força física na bateria, rapidez aguda no baixo e na guitarra, e o vocal tem que fazer frente a essa violência percussiva com muito volume e potência. Se tudo está então preparado para os homens, se *hard-core* é coisa de macho, então o que se passa com as minas, como elas estão se havendo por aqui?ⁱ

O trecho acima expõe a visão de Janice Caiafa sobre o movimento *punk*, na década de 80, com relação às garotas *punks*. Dez anos mais tarde, contra essa idéia do “*punk* masculino”, surge nos Estados Unidos o *Riot Grrrl*, um grupo de jovens *punks* feministas propondo a

emancipação das mulheres através da apropriação da linguagem musical. Tidas como precursoras do movimento, as bandas compostas por mulheres, *Bikini Kill* e *Bratmobile*, começaram a questionar o mito de que as mulheres seriam pouco aptas a tocar instrumentos musicais e a formar bandas como os homens. As letras destas bandas inspiraram outras garotas do movimento *punk* a formar bandas e encontros tendo o feminismo como pauta. Uma vez que o *punk* se recusa a associar-se à grande mídia para divulgação de suas bandas e materiais, uma atitude comum na cena *punk* são as redes de contatos feitas por correspondência. Essa estratégia de comunicação permitiu que as discussões feministas feitas nos Estados Unidos estimulasse outras garotas a iniciar o debate em todo o mundo, inclusive no Brasil. Além das bandas, outro forte veículo de comunicação, também grande responsável na propagação das idéias *Riot Grrrls*, são os *zines*. Consiste numa produção escrita, artesanal ao alcance de todos e todas que queiram escrever, divulgar opiniões, bandas, artes, notícias. Estas foram as condições para que um feminismo que começou nos Estados Unidos pudesse, quase que simultaneamente, ser discutido também em vários outros lugares do mundo. Hoje, com as inovações tecnológicas, esse debate ganhou maiores proporções e com a internet assumindo lugar de destaque na comunicação das feministas *riot grrrls*.

E, se o *punk*, como vimos acima, é agressivo demais para comportar meninas, é com essa mesma agressividade que as *punks* reagem contra essa misoginia. As *riot grrrls* adotam um feminismo contundente e exaltado, numa crítica, e ao mesmo tempo uma redefinição, ao que comumente se espera de uma garota: comportada, meiga, frágil. Por sua característica jovem, a educação sexista das famílias e escolas é o alvo principal de suas críticas. Suas músicas, barulhentas como convém ao *punk*, carregam letras em que vociferam palavrões, falam de sexo, sadomasoquismo e pornografia. Criticam o apelo ao corpo e à beleza exigidos para a mulher pela mídia. A heterossexualidade também é bastante questionada, a ponto de se formar uma variante, as *dykes*, que são *riot grrrls* que se assumem lésbicas.

Juventude como objeto de estudo

É como um problema da modernidade, ou seja, nos setores juvenis que fogem aos padrões de socialização, definido como subculturas, que a Sociologia se interessa pelo tema inicialmente. É o caso da Escola de Chicago que, nas décadas de 20 e 30, preocupados com a desorganização social provocado pelo crescimento das metrópoles, pesquisam os *street gang boys*ⁱⁱ: jovens de bairros de imigrantes dos Estados Unidos que passavam a maior parte de seu tempo nas ruas e

desenvolviam comportamentos em desconformidade com as normas sociais, em geral vinculavam-se à criminalidade.

Esse conceito de subcultura tem sido criticado por alguns autores recentes como Dieter Baacke, Wilfried Ferchhofⁱⁱⁱ pois o termo sugere a idéia de uma cultura superior e em um tom pejorativo tenta diferenciar segmentos específicos objetivando melhor controlá-los. Dessa forma, consideram o termo “cultura juvenil” como o mais adequado, pois amplia a compreensão de diferentes manifestações juvenis em diferentes locais e contextos.

Essa perspectiva de cultura juvenil nos permite tratar o feminismo *punk Riot Grrrl* não como um problema da modernidade que produz jovens desviantes e sim sob o aspecto geracional na qual estilos de vida são descobertos, vivenciados e em que identidades são construídas e reconstruídas. Ou seja, permite compreender como se dá e o sentido prático do feminismo construído por essas jovens *punks* do movimento *Riot Grrrl* em São Paulo.

Estudos de gênero e de culturas juvenis musicais

Ao tratarmos da concepção feminista *riot grrrl*, estamos afirmando não só a existência de “mulheres” como também de “feminismos”. As particularidades que desafiam a categoria “mulher” – a mulher lésbica, a mulher negra, e, no nosso caso, a mulher jovem, obrigaram o movimento feminista a repensar a unidade e representação que propunham.^{iv}

As produções acadêmicas sobre a temática gênero surgem na academia entre as décadas de 60 e 70. Gayle Rubin é uma das primeiras a inovar nessa perspectiva definindo o “sistema sexo-gênero” como “uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”^v.

Entretanto, essa tentativa de expurgar o determinismo biológico na afirmação de que o sexo é uma construção social vem sofrendo críticas feministas ao expor que o debate sexo-gênero deixa em aberto que as diferenças resultam, portanto, das diferenças sexuais. A crítica é de que os sinais corporais não se separam das idéias sobre eles, de que a materialidade não é irreduzível, de que o social é corporificado. Sterling^{vi}, insiste na necessidade de se repensar os conceitos de gênero, cultura e experiência que, até então, estiveram imbricados no pensamento dual ocidental. Butler^{vii} afirma que a distinção sexo-gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos e questiona o caráter imutável do sexo, afirmando que este também se trata de uma construção cultural e que, portanto, o sexo sempre foi o gênero, não havendo necessidade de distinção. Aliás, para ela, essa distinção é uma forma de assegurar a

instabilidade interna e a estrutura binária dos discursos ocidentais, contrariando, assim, a proposta feminista pelo qual foi pensado.

Para Scott^{viii}, o movimento feminista se depara com esse paradoxo: ao protestar contra as exclusões sofridas pelas mulheres, tinham de agir em seu próprio nome e, portanto, confirmando a mesma diferença (sexual) que pretendiam negar. Para ela, essa é a força política do feminismo: evidenciar as contradições do pensamento ocidental, da noção de sujeito universal modernos. E que os recorrentes conflitos do feminismo sobre o debate da diferença sexual é um sintoma das contradições dos discursos políticos que produziram o próprio feminismo.

Com relação a produções sobre a cultura juvenil *punk*, Helena Abramo, produz um importante estudo sobre os *punks* e os *darks* no Brasil. Sobre o contexto histórico dos anos 80, período em que surge os grupos *punks*, analisa que, ao contrário dos anos 70, marcado por grandes acontecimentos que envolveram grupos juvenis, como a contracultura, este período é caracterizado pela grande fragmentação da juventude.

A juventude dos anos 80 é marcada pela formação de *tribos* ligadas a música, e – e esta é sua tese – a uma atuação centrada na criação de um “estilo espetacular” de aparecimento, sendo o *punk* o fenômeno deflagrador deste momento juvenil. Define o *punk* como “grupos fundados em atitudes como a rejeição de aparatos grandiosos e de conhecimento acumulado, em troca da utilização da miséria e aspereza como elementos básicos de criação, o uso da dissonância e da estranheza para causar choque”^{ix}. Essa “atuação espetacular” se dá através de uma série de expressões (música, estética, comportamento) a fim de denunciar a exclusão que sofrem. A partir de si mesmos, escancaram a exclusão, a desigualdade, o preconceito presentes na sociedade. A insistência é na autocaracterização da inferioridade, não escondem, ao contrário, acentuam em si mesmos o caráter negativo de suas origens: “Sim, somos pobres, feios, sem chances, perigosos”. O que não significa uma atitude de autocomiseração, ao contrário, trata-se de um meio de espelhamento, denunciam a realidade através de si mesmos.

Da mesma forma, Janice Caiafa pretende mapear a experiência *punk* na cidade do Rio de Janeiro da década de 80 a partir de suas músicas, estética e comportamento, definindo-o como “a atuação de um bando que ostenta signos de choque e provoca atrito, que intenciona deflagrar desobediência, interferência e intensidade”^x.

Embora utilize o termo “delinqüência juvenil” em sua análise, ainda que de forma amena se comparado ao uso clássico do conceito pela Escola de Chicago, Caiafa associa “delinqüência” a “delito de status” na medida em que o *punk* transgride, extrapola algumas normas para sua idade como ficar até tarde na rua, beber, fumar. Ainda que adote esse conceito utilizado pela literatura sociológica, Caiafa critica essa “definição negativa do acontecimento *punk*” em que aparece como “o resultado de um fracasso das instituições em assimilarem a juventude, produzindo

uma geração de jovens alienados”^{xi}. Rejeitando a definição de que o exercício *punk* se esgota numa resposta a outra coisa, Caiafa busca a positividade do punk no próprio *punk*. Essa idéia é importante para o estudo do feminismo *riot grrrl*, também abandonamos definições utilitaristas da juventude. Pretendemos percorrer o sentido do feminismo *punk* no próprio movimento *Riot Grrrl*.

Márcia Regina da Costa em seu estudo sobre os “carecas do subúrbio”^{xii} busca analisar o movimento dos carecas em São Paulo a partir do exame dos valores do movimento e o papel que os carecas assumem no mesmo.

Costa afirma que *punks*, *skinheads* e carecas constituíam uma mesma rede de troca de informações de bandas, *zines*, notícias do que ocorria nos grupos de outros países. Entretanto, a partir de 1987, percebe-se em alguns *zines punks* uma busca de coerência de suas atitudes, partindo de uma preocupação com o que eles passam a chamar de “desvios do movimento”. Nesse momento, levantam uma certa desconfiança com relação aos carecas a partir do que identificam como “ambigüidades e incoerência de suas posturas”. Nesse sentido, *punks* e carecas também passam a se afirmar um em oposição ao outro, num esforço de se definirem a partir de aspectos que os diferenciavam. Assim, os *punks* criticam as atitudes violentas dos carecas, suas idéias duvidosas como o uso da suástica, seu caráter machista. Por sua vez, os carecas criticam um certo modismo que começa a se configurar no *punk*, o fato de algumas bandas terem se rendido à mídia.

A análise de Costa sobre o *punk* é pertinente por identificar o momento em que os punks no Brasil sentem a necessidade de se politizar e de se afirmar enquanto um grupo de luta social. Pois, esse aspecto político em que buscam ser identificados talvez tenha sido condição fundamental para que, mais tarde, o movimento *Riot Grrrl* pudesse ter espaço no *punk*. Outras bandeiras além do feminismo passam a ser preocupação dos grupos *punks*, principalmente a partir de 1990, como a luta contra o racismo, a homofobia e pela ecologia, extrapolando o entendimento da opressão como exclusivamente econômica que até então caracterizou o *punk*.

Outras duas produções sobre o *punk* no Brasil, de caráter não acadêmico, se limitam a descrever a história do movimento. As obras de Sílvio Essinger^{xiii} e de Antônio Bivar^{xiv} são importantes no sentido de oferecer detalhes sobre os acontecimentos *punks* no Brasil como festivais, principais discos e *zines*, histórias das bandas.

Assim como as produções já citadas, estes autores primam pelo silêncio com relação às mulheres, a história que contam é a dos *punks*, não das *punks*. O primeiro apenas se refere a uma ou outra banda composta por mulheres ao longo do livro. Bivar, por sua vez, dedica no fim de seu livro quatro páginas sob o título “O contingente feminino & feminista” referindo-se às garotas *punks* por sua beleza ou poder de sedução^{xv}. Por fim, faz referência ao movimento *Riot Grrrl* no Brasil, celebrando a entrada de mais garotas no movimento *punk*.

Caiafa, em obra já citada, a exemplo de Essinger e Bivar também reserva o derradeiro capítulo de seu livro para a análise das garotas no *punk*. Ao contrário do que fez durante todo seu estudo em que analisa os jovens em sua experiência *punk*, com as garotas ela analisa as jovens em sua experiência afetiva e sexual com os *punks*. Ao caracterizar o *punk* como “essencialmente masculino” pela sua violência, agressividade e, portanto, hostil a presença de mulheres, define que a “delinqüência feminina é sobretudo sexual”^{xvi} e tenta compreender o por que dos *punks* se recusarem a namorar as *punks*, buscando sempre garotas de fora do movimento para suas relações amorosas, ao mesmo tempo em que as garotas *punks* eram impedidas de trazer namorados não-*punks* para o movimento. Sua análise se concentra nesse impasse em que define ser mais um dos elementos que compõem o *punk*: desequilíbrio, tensão.

Ainda que em algumas passagens Caiafa assuma que as garotas são tão *punks* quanto os rapazes no conhecimento das músicas, na vontade de formar bandas e aponte os preconceitos por elas sofridos ao afirmar que as garotas que se arriscavam a entrar numa banda eram vistas nessa postura como risíveis para os garotos, é a perspectiva dos relacionamentos afetivos que orienta sua análise, comprometendo e limitando, portanto, um entendimento mais aguçado sobre a experiência *punk* para as garotas.

Essa crítica também é feita por Wivian Weller em *A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível*^{xvii}. Weller questiona a ausência feminina na bibliografia existente sobre juventude e analisa, a partir do método qualitativo proposto por Mannheim, as reflexões de jovens-adolescentes de origem negra em São Paulo e jovens de origem turca em Berlim pertencentes ao movimento *Hip-Hop* sobre suas experiências com jovens do sexo oposto assim como as dificuldades enfrentadas na luta pelo reconhecimento enquanto mulheres no âmbito de uma cultura juvenil de forte representação masculina. Weller também critica o modelo utilitarista presente em grande parte nos estudos sobre a condição juvenil e chama a atenção para a necessidade de análises que busquem uma compreensão da prática e do sentido prático das ações em seus contextos específicos. Segundo esta autora, uma das razões da “invisibilidade” feminina nos estudos das culturas juvenis se deve a concepção utilitarista da ação.

E é com esta perspectiva de crítica aos estudos sobre a juventude negligentes com a perspectiva de gênero apontando, assim, para a necessidade de uma maior sensibilização em relação às adolescentes e jovens pertencentes às culturas juvenis predominantemente masculinas, como o *punk*, que examinamos o feminismo *riot grrrl*. Trata-se de uma pesquisa recente e em andamento, nos impossibilitando de fazer conclusões mais substanciais.

-
- ⁱ CAIAFA, Janice. “A Mina Punk”. In: *Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. (p.p.:109)
- ⁱⁱ Como, por exemplo, o estudo clássico *Delinquent boys: the culture of the gang* de A. Cohen.
- ⁱⁱⁱ Citados por Wivian Weller em “A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível”. *Revista Estudos Feministas*. v. 13, n.1. Florianópolis, jan/abr 2005.
- ^{iv} Conferir BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.
- ^v RUBIN, Gayle. “O Tráfico de Mulheres: notas sobre a `Economia Política do Sexo’”. In: *Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da sexualidade*. 1975
- ^{vi} STERLING, Anne. “Normatizando a sexualidade I”. In: *Duelo – Cadernos Pagu* (17/18). Campinas, 2001/2002.
- ^{vii} Butler. *Op. Cit.* [2003], p. 24/25
- ^{viii} SCOTT, Joan. *A Cidadã Paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.
- ^{ix} Abramo. Helena Wendel. *Cenas Juvenis*. São Paulo : Ed. Página Aberta, 1994.(p. p. 43/44)
- ^x Caiafa. *Op. Cit.* [1985] p. 23
- ^{xi} Idem, p. 19
- ^{xii} COSTA, Márcia Regina da. *Os “Carecas do Subúrbio” : Caminhos de um Nomadismo Moderno*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.
- ^{xiii} ESSINGER, Sílvio. *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção Ouvido Musical)
- ^{xiv} BIVAR, Antônio. *O que é punk*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos: 76). Os trechos transcritos se encontram nas páginas 136-140.
- ^{xv} “Algumas são extremamente femininas, como a vocalista do *Staples* – talvez o maior *sex appeal* feminino da atual cena. As minas estão berrando, *babies* com *extra-plus*. Não eram tantas assim, em 82. As *Skizitas* só tocaram uma vez, a vocalista Márcia, de minissaia, fez babar a platéia masculina”.
- ^{xvi} Caiafa. *Op. Cit.*, p. 106.
- ^{xvii} WELLER, Wivian. “A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível”. In: *Revista Estudos Feministas*. v. 13, n.1. Florianópolis, jan/abr de 2005.